

CEDI - P.I.B.  
DATA 12, 08, 87  
COD XVD 56

Os Xavante constituíam, na primeira metade do século XVIII um numeroso grupo que se estendia desde a região entre os rios Araguaia e Tocantins até próximo de Boa Vista, Estado de Goiás. A margem direita do rio Araguaia era ocupada quase que inteiramente por esse grupo indígena. Segundo Cunha Mattos, os Xavante tinham "...estabelecimentos ao longo do Tocantins, sobre o Braço Maior, nos sertões onde este rio e o Tocantins, e entre este último, e a serra do Lageado ramo da Geral..." (1). "...Ocupavam ainda a zona do Manoel Alves Pequeno e vinham da serra do Duro, onde desde 1751, viviam os Coroados, os Aricobês, os Chariobás, os Caiapós e as outras tribos, que, incomodadas pela civilização, foram se aprofundando se tão a dentro..." (2)

Os primeiros contatos com os Xavante se deram através das bandeiras que, além do caráter expansionista e exploratório que apresentavam, consistiam também em "...organizações encarregadas de fazer a guerra ostensiva contra os índios, baseadas na participação e acima de tudo, no suporte econômico dado às ações particulares."

Em contrapartida a essa empreitada, o governo garantia vantagens a esses particulares tais como concessão de terras, posse de servos indígenas, etc.

Entretanto, paralelamente a essas expedições punitivas, começaram as tentativas de um estabelecimento de contato com os "silvícolas" de uma forma mais pacífica, mas não menos nociva para estes. Revestidos de uma ideologia de pacificação e catequizações de índios, surgiram os primeiros aldeamentos.

"... a 15 de novembro de 1774, sob o governo de D. João de Vasconcelos, foi dada ordem ao Dr. Joaquim José Ferreira de Arruda para adquirir a roça de José Vaz, próximo a Vila Boa (Goiás) a fim de nela ser instalada uma aldeia de índios..." (4)

Em 1775, instalaram-se índios de diversos grupos, inclusive Xavante, neste aldeamento que tomou o nome de São José de Moçamedes.

"A primeira grande pacificação dos Xavantes foi, entre 1784 e 1788, por obra de Tristão da Cunha, que confiou ao tenente dos dragões José Rodrigues Freire esta primeira expedição. Este último, por sua vez, por causa de uma queda de cavalo, deixou o comando ao alferes Miguel de Arruda e Sá. O corpo da expedição consistia de 98 soldados, de vários intérpretes e de um grupo de Caiapós da aldeia de São José de Moçamedes..." (5)

Daí resultou a construção do aldeamento do Carretão Pedro III que chegou a reunir 5000 Xavante.

→ "A aldeia do Carretão de Pedro Terceiro fica a 22 léguas da cidade de Vila Boa. Foi edificada em 1784, sob o governo geral de Tristão da Cunha Meneses, para abrigar índios, especialmente os da tribo dos Chavantes...Fica sobre duas encostas de serra, separado pelo rio Carretão, de três braças de largura...Do outro lado do rio Carretão se acham as instalações dos índios, cêrca de trinta barracas de barro cobertas de ervas, formando uma rua...A princípio, povoação foi habitada por 3.500 índios, trazidos dos rios Araguaia e Tocantins; mas a maioria dêles faleceu pouco depois da chegada.  
(6) (Ver Anexo 1)

"Nesta provincia [Goiãs] calcula-se em cerca de 25,000 numero dos indigenas, sendo 8,000, pouco mais ou menos os aldeados e os demais errantes nas matas, vivendo em quasi completa barbaria..." (7)

Dentre os aldeamentos indígenas formados nos séculos XV e XIX, em Goiãs, podemos citar aqueles destinados aos índios da tribo Xavante. (Ver Anexo 2)

Um dos primeiros aldeamentos destinados à catequizaçã dos índios, como já tivemos oportunidade de nos referir anteriormente foi o do Carretão, também conhecido como Pedro III.

"Na margem esquerda do Tocantins, comarca do Principe Imperial, os que se denominão Pedro Affonso e Thereza Christina, o primeiro fundado em 1849 com índios que estancêão nos terrenos adjacentes ao rio do Somno; o segundo estabelecido em 1850, na confluência do Piabanha, a 12 léguas do outro. Ambos são dirigidos pelo missionario Frei Raphael de Taggia (...)

Julga-se que os aldeamentos de Pedro Affonso e Thereza Christina comprehendem 2,800 almas, a saber: 800 da tribo dos Cordos (...) que emigrãrão para Goyaz em 1848, e 2,000 das tribus Cherentes e Chavantes.

Em São Joaquim do Jamimbú existem 495 pessoas, inclusive 7 praças e alguns mechanicos. Pertencem estes índios às tribus dos Chavantes e Carajãs." (8)

Este aldeamento de São Joaquim "...foi estabelecido em 1845 à margem do rio Araguaya, na freguezia de Santa Rita, município da capital.

É desde o começo dirigido por frei Segismundo de Taggia.  
(9)

2015/80  
176  
17/11/2015

Um outro aldeamento chamado Piabanha e dirigido por Antonio de Ganga, conta para cima de 2.000 índios Cherentes e Xavantes, que têm algumas plantações e se dedicam ao serviço da navegação fluvial.

Estabelecido desde 1851, acham-se próximo da confluência do ribeirão Piabanha com o Tocantins, freguezia e município do Rio Imperial.

Uma escola publica destina-se exclusivamente à instrução primaria dos índios." (10)

Havia também um colégio encarregado do "serviço de catechese" na província de Goiás, cujas despesas corriam "por conta dos cofres geraes." Entretanto, o "Collegio Izabel não tem satisfatoriamente preenchido o fim de sua instituição. A maior frequência de a época de sua installação até hoje, foi de 27 alumnos." (11)

No entanto, as doenças e os maus tratos recebidos fizeram com que os Xavante se afastassem dos brancos, dirigindo-se para a margem esquerda do rio Araguaia.

"No relatório datado de 1856, à Assemblêia Legislativa de Goiás, o presidente da Provincia, Antonio Augusto Pereira da Costa escreve que da parte de frei Sigismundo de Taggia, que recebeu ordem para catequizar xavantes bravios do rio das Mortes foi um índio a uma aldeia daqueles aborígenes, nada conseguindo de um índio com quem se entendeu e que lhe disse: 'os cristãos são maus' - 'quando eles (os índios) estavam no Carretão, sofreram diações com palmatória, tronco, corrente, chicote, colar, etc

"De tal forma se viram acoçados pelo inimigo e tanto que ram as baixas na sua tribo, que os xavantes foram recuando paulatinamente até se refugiarem na margem esquerda do rio das Mortes e se localizaram em definitivo..." (13)

Dessa maneira começaram as migrações Xavante, deixando o Estado de Goiás e estabelecendo-se, desde fins do século XIX, no Estado de Mato Grosso definitivamente.

Todavia, acreditamos que seria de grande valia para a compreensão desta mudança de habitat se apresentássemos o relatório fato a partir dos próprios índios, ou seja, como eles explicam o processo de migração por eles empreendido desde o final do século passado, que deu origem à formação das atuais aldeias Xavantes em Mato Grosso.

"Junto ao rio Araguaia (UPRE) fundaram a aldeia de

20/15/30  
177  
[Handwritten signature]

(casas cobertas com capim); mas os brancos voltaram a incomodar assim atravessaram o rio e fundaram um nova aldeia, de cujo nome não se lembram. Mas nem esta nova posição apresentava segurança. Por isso passaram para o rio Cristalino, fundando a aldeia de AKATÓ'BRÉ sob a guia de TSE'RERUREMÊ, DUPTOÜDI e PARATSE, a quem estavam confiando o comando da empresa. Quando porém chegou o tempo de caça da estação seca, e uma parte da aldeia foi caçar junto com os três chefes, eles procuraram convencê-los a voltar para Goiás, induzidos a isso pelos brancos.

Não o conseguiram, porém, antes irritaram a comunidade, que procurou eliminá-los. Enquanto os três eram entretidos a comer o mel de um favo muito grande, os outros os assaltaram a golpes de cassete. Dois foram mortos. DUPTOÜDI salvou-se, porque lhe veio em auxílio a irmã WAUTOMÖWAWÊ. A caçada prosseguiu, mas todos viam os dois irmãos que procuravam uma ocasião propícia para fugir. Um dia o conseguiram por uma distração das sentinelas e foram com os brancos o que lhes havia acontecido.

Os brancos então se armaram e, durante a noite, junto com os índios Xavantes seus amigos, e circundaram o acampamento de caça e mataram todos os homens menos TSEREDZADADZUTÈRE e PARIUPTSE, que conseguiram fugir.

Os Xavantes vencedores levaram as mulheres e as crianças para a aldeia, enquanto os brancos voltaram para pedir reforços, com fim de exterminar todos os Xavantes, inclusive os que tinham sido seus aliados. Mas os Xavantes perceberam a traição e mandaram com um cabrito que servisse para atrair a atenção dos brancos, com fim de descobrirem onde se reuniam. Descoberto o lugar, alguns índios que conheciam o português se vestiram como civilizados para penetrar no acampamento dos brancos. Os Xavantes descobriram o que já suspeitavam: os brancos tinham a intenção de matá-los. Aproveitando, pois, da noite e de uma chuva improvisa, que certamente cobria a aldeia e apagaram suas fogueiras, fugiram daquela aldeia e atingiram o rio das Mortes. O único do grupo que então atravessou o rio, à altura da atual São Domingos (WEDEDZE), o de BUTSE; os outros ficaram ao longo do rio, apavorados, por causa de grandes cetáceos chamados PEDZAYÜ (boto, SOTALIA BRASILIENSIS).

Sabe-se, porém, que outro grupo, antes deste, atravessara o rio, e desse, como do que não ousou atravessá-lo, não se teve mais notícias. Estamos por volta de 1860-1870.

A primeira aldeia que se constituiu foi a de WEDE'U (zo

2015/10  
170  
[Handwritten signature]

1). Mas, por causa de uma epidemia que exterminou todos os velhos, ela foi abandonada e os Xavantes passaram para a aldeia de BURUÖTÖRÖ; chamada também DZUB'ADZE ou TSÖREPRE. Nesta aldeia foi celebrada sucessivamente a perfuração das orelhas dos HÖTÜRÄ \*, dos ABAREU\*, dos NODZÖU\*, dos ANARÖWA\*, dos TSADA'RÖ\* e os AY'RERE\* e disso podemos concluir que os Xavantes ficaram aí uns trinta anos. Após a morte de um deles, o grupo de RAPA foi fundar uma outra aldeia, a de ETĒRÄURÄWAWĒ (zona 2) onde, em dois anos, houve a perfuração das orelhas dos HÖTÜRÄ e dos TIRÖWA\*. Sucessivamente a este grupo juntou-se o de TSIA. Durante uma caçada o grupo de TSÖREPRE foi atacado no seu acampamento (U'RE'RE) pelo de ETĒRAURÄ que queria vingar alguns homens mortos por um rio e na luta, morreram dois velhos. Depois disso o grupo onde permaneceu dois anos (zona 3), para ir sucessivamente a WEDETEDE, onde receberam a perfuração de orelhas (...). Neste período, por causa de uma epidemia, o grupo abandonou temporariamente a aldeia e permaneceu um ano sem morada fixa. Depois, enquanto o PARIÖWA se transferiu para a aldeia de ÖNIUDU (zona 4) onde permaneceu durante o período da seca, para depois voltar, por causa de brigas, ao WEDETEBE, enquanto se fazia a festa NAMÖRO dos ABAREU.

Na seca seguinte, durante a caçada, um Xavante de nome UYRĒ foi mordido por uma cobra, e porque o NAHITEDE|WA de nome BUTSĒ não conseguiu curá-lo e morreu, os parentes mataram o irmão WAWĒ'RU. Esta dúplice morte dá origem a uma outra divisão: o grupo de TSIHÖRIRÄ PARIÖWA e os parentes de UYRĒ vão para a aldeia de ÖNIUDU (zona 4), enquanto o grupo de RÄYWIA COM OS PARENTES DE WAHITEDE'WA se fixam em PARABUBU (zona 3), onde são iniciados no WAYA\*\* os ABAREU. No fim da iniciação, após um ano, o grupo de TSIMRIHU, parente de UYRĒ, volta para ITSÖRÖPE (zona 3) para obter reforços e atacar PARABUBU. Na luta que se segue morreram dois homens. Neste tempo, voltou a PARABUBU também o grupo que estava em ÖNIUDU. Após o assalto e o incêndio da aldeia de PARABUBU, a família de TSIHÖRIRÄ volta à aldeia de ITSÖRÖPRE, mas, não se encontrando bem, retorna e une-se aos que haviam fundado a aldeia de PARAWÄDZA'RADZE (zona 3).

Nas aldeias de PARABUBU e de ÖNIUDU não mora mais ninguém. Em PARAWÄDZA (RADZE, houve a perfuração de orelhas dos ANARÖWA, que eram só cinco, e aí o grupo ficou três anos. Depois, por causa de

\* HÖTÜRÄ, ABAREU, NODZÖU, ANARÖWA, TSADA'RÖ, TIRÖWA e AY'RERE significam nomes de grupos de idade.

\*\* WAYA = festa e pessoas do culto principal dos Xavantes

2015/210  
179  
B. W. A. /

- 7 -

um feitiço, TSIMHÖRÖPUPU (que hoje vive em São Marcos com o nome de Meireles), brigou com o grupo de TSIWA'RU e, na luta, perderam a vida da cinco homens. Por isso se transferiram todos para a aldeia de U'RATAWA'RUTURE (zona 4), onde permaneceram um ano fazendo os PAHÖRI'WA \* do grupo dos TSADA'RÖ, e desta aldeia, não se afastaram até 1953, quando, por causa de uma epidemia, foram constringidos a se transferir para BATOVI. Em ÖNIUDU, permaneceram 15 anos e houve aí a perfuração das orelhas dos grupos TSADA'RÖ, AY'RERE, HÖTÖR TIRÖWA (...)

No entanto, por causa da escolha dos PAHÖRI'WA do grupo dos AY'RERE, o grupo de APTSI'RE dividiu-se da aldeia IRITUWAWĒ de TSIHÖRIRĀ; o primeiro foi para a aldeia de TSIWAWĒNI'RADZĒ (zona 5); o segundo para a aldeia de ÖWARARE (Culucne, zona 5). E ambos celebraram a perfuração de orelhas dos AY'RERE. Após um ano da perfuração das orelhas, os dois grupos se juntaram na aldeia de TSIWAWĒNI'RADZĒ e daí foram para RÖÖREDZAÖDZĒ, onde fundaram a grande aldeia de 'RITUWAWĒ (zona 6), e perfuraram a orelha dos HÖTÖRĀ. O grupo permaneceu aí cinco anos. Nesta aldeia, um 'RITEY'WAA\*\* de nome PARAUDZA, que fora PAHÖRI'WA do grupo dos AY'RERE, adoeceu os pais, atribuindo a doença a um feitiço, levaram-no à aldeia de ÖNIUDU, onde morreu. Então os da aldeia ÖNIUDU organizaram uma expedição punitiva contra os de 'RITUWAWĒ e a luta acabou sem vítima. Feita a paz, o grupo dos atacantes voltou a ÖNIUDU, enquanto os de 'RITUWAWĒ voltaram a WEDETEDE (zona 3) onde perfuraram as orelhas dos TIRÖWA. Permaneceram aí, cinco anos. Com a morte de APTSI'RE pai de APÖWE (que vive em São Marcos) e de TSIMHÖRÖPUPU, APÖWE matou TSERĒNÖBÜ e o irmão deste, considerando a ambos como responsáveis pela morte do pai. Logo após, o grupo de APÖWE foi para a aldeia de PARA WĀDZA'RADZĒ, enquanto o grupo de TSERE'A foi para a aldeia de PARABUBU. O grupo de PARABUBU ficou 4 anos aí, e, por causa de um ataque dos brancos (junho de 1951 ou 52), juntou-se aos PARAWĀDZA'RADZĒ. O ataque foi feito, ao romper da madrugada por um pequeno grupo de brancos armados de pirípiri, que mataram muitos brancos (...)

TSIWARI foi o único que conseguiram matar e crucificaram

\* PAHÖRI'WA = cerimônia do Sol

\*\* 'RITEYWAA = moço que mora na aldeia

2015/70  
180  
E. M. M. M. M.

o seu cadáver no meio da aldeia e dispuseram todos os outros ao redor. Esse grupo, depois de um ano de permanência em PARAWĀDZA'RADZĒ, se transfere para a aldeia de ETĒ'RĀURĀ (zona 3) junto ao rio PEHÜYREPA onde se celebra a perfuração das orelhas dos ETĒPA. Eles ficam quatro anos nesta aldeia (1952-1956); deixam-na em abril de 56, por causa de uma epidemia contraída usando roupas que receberam dos brancos em Xavantina.

O grupo dos PARABUBU vai para além do rio Noidore, perto de Manoel Gomes, donde, por terem matado algumas vacas de um fazendeiro, foram obrigados a se afastar e a construir uma aldeia provisória, pouco distante. Nesse acampamento eles são visitados muitas vezes pelos missionários de Meruri. Em outubro de 1956, cinco Xavantes do grupo que residia perto de Manoel Gomes, foram a Cuiabá pedir a ajuda ao governador, chamado por eles "pai grande". Mas foi inútil a sua iniciativa. São colocados em um caminhão e mandados de volta a Sangradouro de onde, a pé, retornam à fazenda de Manoel Gomes. Logo após, o grupo se divide em dois: o grupo de DUTSĀ que vai a Meruri e daí a Sangradouro, (onde chega a 24 de fevereiro de 1957, domingo), enquanto de ŪREBEWĒ fica ainda com Manoel Gomes. Entretanto, com medo de ser exterminado pelo grupo de APŪWĒ, também eles chegam às vizinhanças do Meruri, para seguirem enfim, sempre por pressão de APŪWĒ, para Sangradouro (agosto de '57) (...)

O grupo de APŪWĒ (o de São Marcos), depois de ter deixado PARAWĀDZA'RADZĒ, (1952?), chegou à aldeia de ARIWEDE'RĀPA (zona 8), onde ficou 2 anos. Nesta aldeia, APŪWĒ matou TSEREMRĒ e o filho; ou melhor, pensou ter matado também o filho. Na verdade, o menino foi enterrado vivo, e a mãe, quando à tarde foi à sepultura, escutou-lhe os lamentos, desenterrou-o e fugiu com ele e um outro filho, em busca de proteção, e refúgio, na aldeia de NORŌWEDENA'RADA (...)

Após a morte do irmão, APŪWĒ, com seu grupo retorna a PARAWĀDZA'RADZĒ e um ano depois se dirige para Meruri. O grupo de WA'RĀYRŌ, depois do ocorrido, muda-se de NORŌWEDENA'RADA para a aldeia de WEDEDZE, mas pára em Capitariquera (agosto - 1956), fundando a aldeia de ŪAA (zona 7).

Em NORŌWEDENA'RADA, fica o grupo de DUPTŪŪDI. Construída a aldeia de ŪAA, ŪREBEWĒ, irmão de WA'RĀYRŌ, volta a NOWEDENA'RADA sozinho, para convencer os outros companheiros a se reunirem. Mas foi morto a pauladas por TSERENŌNIWĒ, TSERENŌA, OMORE. Depois desta morte, o grupo deixa a aldeia e se refugia na de Santa Teresinha (ETĒDZUTSEREHI), junto aos salesianos. O grupo de WA'RĀYRŌ deixa Capitariquera e vai para São Domingos, para pedir auxílio e organizar a luta contra o grupo de APŪWĒ. Este o decide com o grupo de APŪWĒ

2015/70  
182  
Pimentel

(o que vive atualmente em São Domingos), WA'RAYRÒ ataca Santa Teresinha provocando a morte de um Xavante e ferindo onze (14.4.1959). Depois deste ataque, WA'RAYRÒ se retira do grupo de São Domingos e vai para São Marcos, onde já se constituíra a aldeia do grupo de APŪWĒ desde 1958. Durante o trajeto de São Domingos a São Marcos alguns do grupo decidem pazer DABATSA e a funaça adverte os de Santa Teresinha de que os de WA'RAYRÒ estavam por aquelas bandas. Um homem dos WA'RAYRÒ é ferido por um projétil no pulso e os companheiros respondem ao fogo, matando três inimigos e depois fogem. Mas os de Santa Teresinha os enganam: gritam por eles como se fossem parentes e conseguem fazê-los voltar atrás assim matam sete e os outros fogem para Garapu (zona 2).

WA'RAYRÒ, sozinho, atinge Xavantina, onde encontra um grupo de Xavantes do grupo de Santa Teresinha, que se haviam estabelecido em Areões.

É bom notar que este grupo, antes de deixar a missão, havia matado o filho de APŪWĒ, de São Domingos. WA'RAYRÒ, por causa do encontro de Xavantina, volta imediatamente a Garapu, donde o seu grupo parte para São Marcos. São mandados na frente, para preparar o terreno a WA'RAYRÒ, aqueles que têm parentes em São Marcos; isto é feito porque APŪWĒ, de São Marcos, está decidido a matar WA'RAYRÒ, que neste ínterim acha-se acampado a uns 40 quilômetros daquela aldeia, junto à cachoeira da Fumaça. Depois de vários embaixados, os dois chegam a um acordo e WA'RAYRÒ alcança São Marcos com o seu grupo, reduzido a uma sessenta pessoas. Em 1966, enfim, WA'RAYRÒ deixa o seu grupo e vai para a aldeia de Sangradouro, onde ainda vive.

Depois de dois anos de formação da aldeia de ETĒ'RA'URĀ, por causa de um raio no WARĀ que matou muitos homens, o grupo de 'RĀPA retornou à aldeia de ĪTSŌRŌPRE onde se celebrou a perfuração das orelhas dos HŪTŪRĀ, dos TIRŪWA, dos ETĒPA, e dos ABAREU. Cumprido o rito, também para estes últimos, o grupo de PARAHIPA se transferiu para a aldeia de ARŪBŪNIPŌ (zona 1) enquanto o grupo de TSERĒ foi para a aldeia de MARĀWATASEDE (zona 7).

Após 6 de novembro de 1941, os Xavantes da aldeia de ARŪB exterminaram junto à aldeia mesmo, a expedição do doutor Pimentel Barbosa: seis mortos e um só sobrevivente, que conseguiu salvar-se fugindo. O chefe do grupo era APŪWĒ atualmente chefe de São Domingos que sucedeu a PARAHIPA. A 19 de novembro de 1934, o grupo de MARĀWATASEDE matou os dois padres salesianos Fuchs e Sacillotti. Os ANARŪWA eram então WAPTSE. Quinze anos após tal acontecimento - os HŪTŪRA eram WAPTSE - por causa de um litígio, o grupo se dividiu: TSERĒDZABLI alcança a aldeia de HŪBŪI, enquanto o grupo de...

2015/80  
182  
[Handwritten signature]

ficou em MARĀWATSEDE.

Os dois grupos se uniram novamente em 1946, na aldeia de UM'RĒ'RURE, no Suiamissu, para alcançar São Marcos em 1966.

Os da aldeia de ARĀBŌNIPŌ, quando os TIROWA eram 'RITEY'WA (1946), tiveram os primeiros contactos com Chico Meireles. Em 1951 por causa de lutas internas, queimaram a aldeia e se dividiram: o grupo de APŪWĒ foi para a aldeia de São Domingos (WEDEDZĒ) - em contacto com os funcionários do Posto do SPI; o grupo de UYRĒ foi para a aldeia de NORŌWEDENA'RADA (Areões em 1951-52).

APŪWĒ de São Domingos ameaçou atacar esta aldeia e isso fez com que o grupo fugisse para a missão Santa Teresinha.

Enfim, o grupo de Jerônimo chegou a Sangradouro, da aldeia de Batovi, aos 11 de janeiro de 1964, enquanto de Paulo proveniente da mesma aldeia chegou aos 24 de maio do mesmo ano." (14) (Ver Anexos 3 e 4)

Ainda em julho de 1928, "...fundou-se o Posto Redenção Indígena, em terras da ilha do Bananal, a 400 quilômetros da capital do Estado [Goiás], fundando-se depois o de Crichã, na confluência do Araguaya com o Rio Peixes, a 24 leguas abaixo de Leopoldina.

O chefe do Serviço na Secção de Goyaz activa os trabalhos de pacificação dos Chavantes, para pôr termo às constantes lutas em que se empenham esses índios com os Caiapós, seus inimigos tradicionais..." (15)

Quando os trabalhos de aproximação entre os "civilizados" e os Xavante se intensificaram, tornou-se necessário que o governo determinasse "...a reserva pelo menos provisória da terra dos Índios Chavantes, para evitar a interferência perturbadora de pessoas estranhas no trabalho de atração desses Índios." (16)

Na área reservada aos Índios Xavante, eram encontradas algumas outras aldeias, além da Pimentel Barbosa. Uma delas era a de Noroeste Naradã (atual Areões), do cacique Cribioen, perto de Xavantina.

"Este grupo, claculado em 80 Índios, já pacificados pelo SPI, pertencia anteriormente à Aldeia Apoêna (...)" (17)

Entretanto, essa área reservada aos Índios Xavante, que constituía sua região de ocupação desde que estes vieram de Goiás para Mato Grosso, sempre foi alvo da cobiça dos fazendeiro e de especulação. (Ver Anexos 5 e 6)

2015/30

183

11

Atualmente, a aldeia Areões localiza-se à margem direita do rio Areões, afluente da margem esquerda do rio das Mortes, município de Barra do Garças, Estado de Mato Grosso.

"A aldeia de Areões fica localizada próxima a cidade de Xavantina, Mato Grosso. O rio das Mortes é uma das divisas da reserva. São frequentes as visitas que os índios fazem à cidade de onde que não são tão controladas como no caso das aldeias de São Marcos e Sangradouro. O contato entre índios e trabalhadores rurais não é necessariamente mediado pela FUNAI." (18) A sede do Posto Indígena Areões fica a uma distância de, aproximadamente, 100m da aldeia.

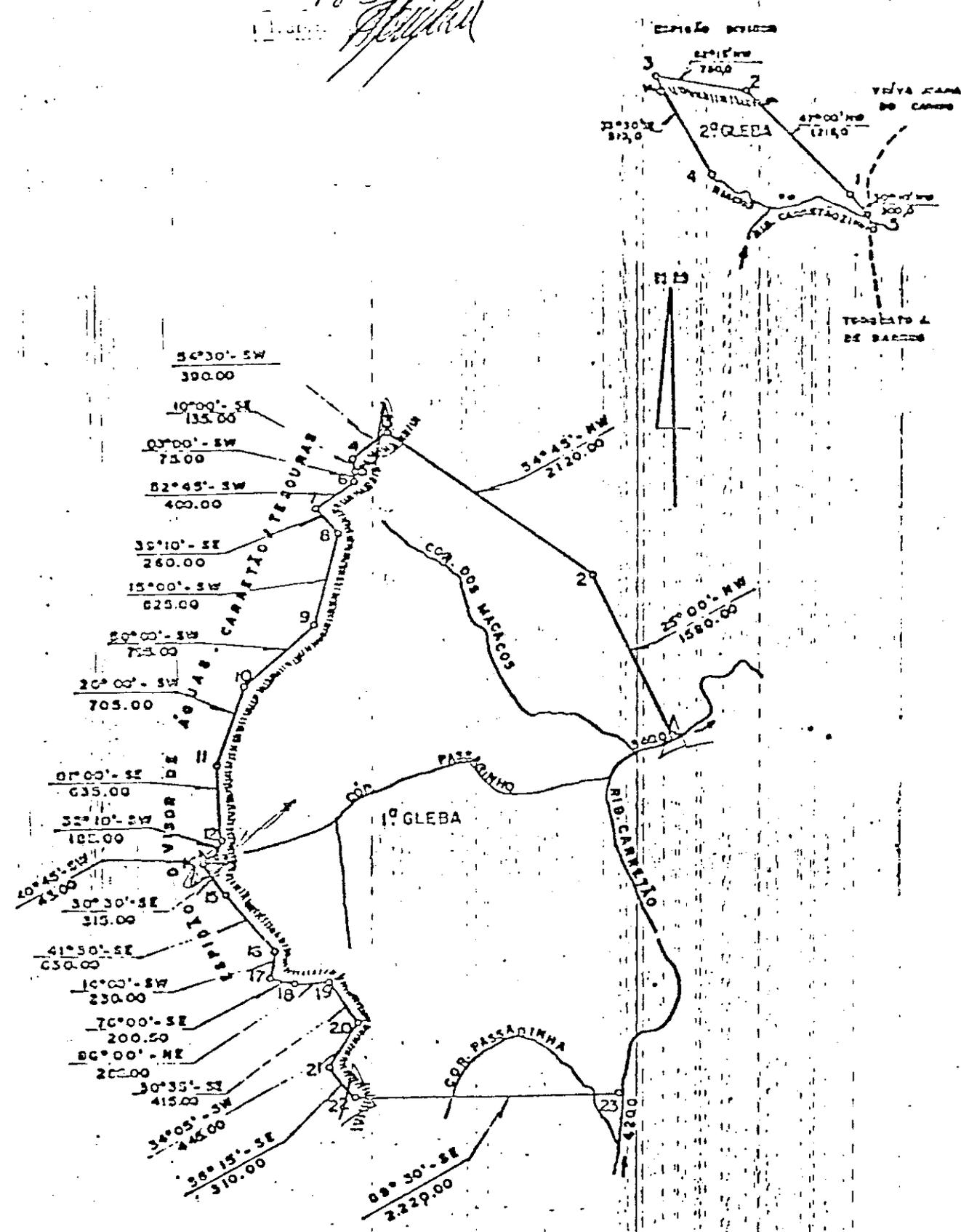
A população de Areões gira em torno de 367 índios, o que significa cerca de 9% da população total Xavante. A aldeia é em forma circular e as cabanas são construídas no estilo sertanejo com paredes de folha de palmeira. (Ver Anexo 7)

O território estimado para a Reserva Indígena Areões é de 218.515ha, com um perímetro de 312,42km.

2015/80  
184  
[Handwritten signature]ANEXOS:

- (1) Correspondência do relatório de Presidente de Província de 1842.
- (2) GUARIGLIA, Guglielmo. Gli Xavante in fase Acculturativa. Milano, Vita e Pensiero, 1973. p.18.
- (3) GIACCARIA, B. & HEIDE, A. Xavante: povo autêntico. São Paulo, Editorial Dom Bosco, 1972. p.35.
- (4) GUARIGLIA, Guglielmo. op.cit. p.43.
- (5) Correio da Manhã, 05/08/1955.
- (6) Correio da Manhã, 24/04/1969.
- (7) GIACCARIA, B. & HEIDE, A. op.cit. p.274.

2015/80  
185  
*[Handwritten Signature]*



- 1ª GLEBA - 1430.4103 HA.  
- 2ª GLEBA - 68.0000 HA.

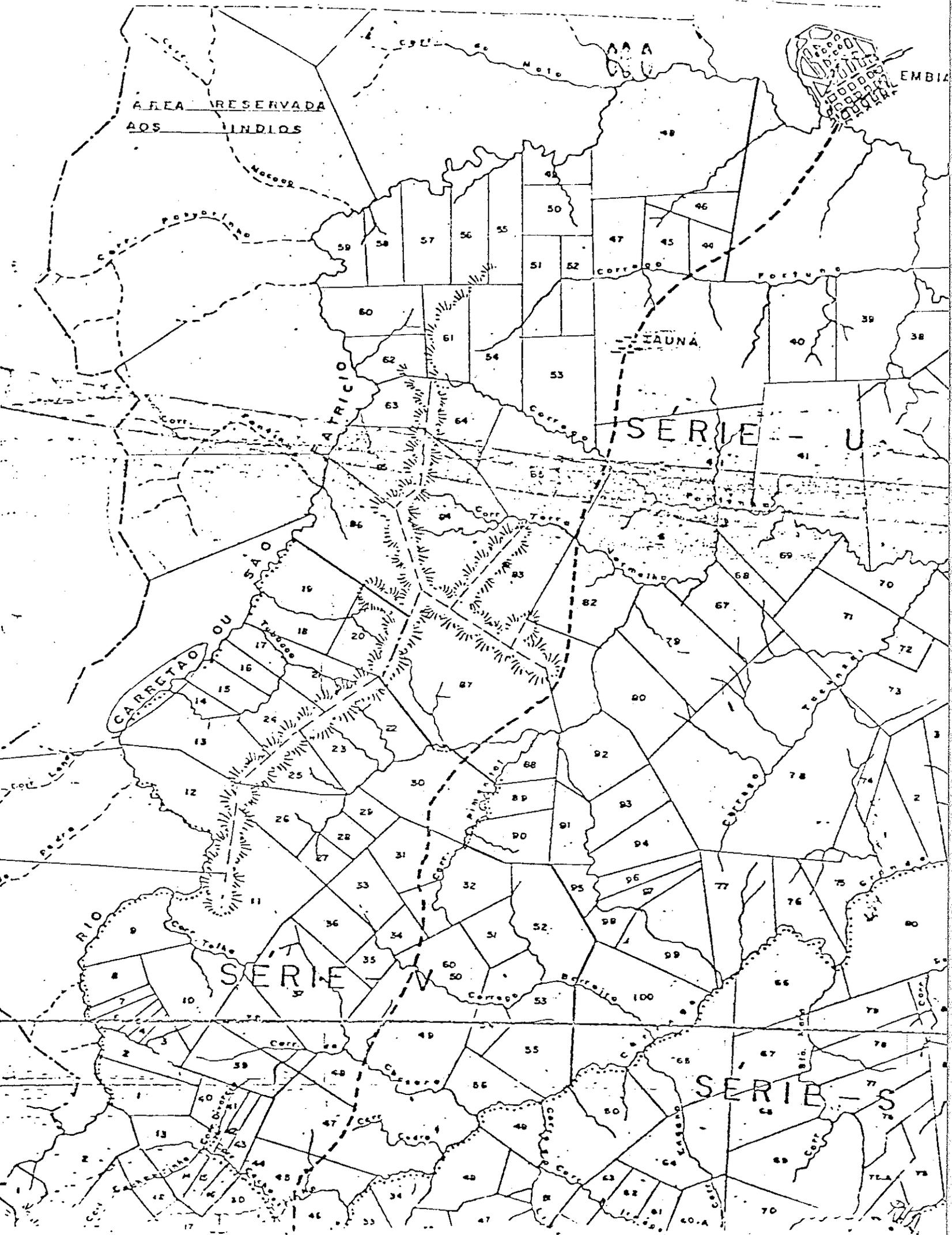
Imóvel denominado CARRETAO.

ONTE - SERV. DE DOC. E ARQ. - PEE  
PESQUISA - AGROMENSURA - P.O.E. 1983

- LUGAR CONHECIDO POR "CÓRREGO DOS MACACOS"  
- MUNICÍPIOS DE : NOVA AMÉRICA - GO  
RUBIATABA - GO

- PROJEÇÃO PLANIMÉTRICA SEM  
CONTROLE DE FECHAMENTO P/ SIMPLES  
INFORMAÇÃO.

- GLEBAS CONCEDIDAS DOS DESCENDENTES DE  
ÍNDIOS "XAVANTES", CONFORME DISPÕS A LEI  
Nº 188 DE 12/10/48.



ÁREA RESERVADA  
AOS INDIOS

TAUNA  
SÉRIE - U

SÉRIE - W

SÉRIE - S

EMBIA

TLA